

O Belo Sertão e os dizeres da convivência em certezas ventiladas de cores, sons e poesia

Almair Moraes de Sá

Fundação Getúlio Vargas
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil
almairms@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a construção discursiva do Sertão/Semiárido nos enunciados da convivência presentes na literatura de cordel e na música. As fontes analisadas foram: os cordéis produzidos pela Articulação no Semiárido (ASA), no período 2003-2004; os cordéis produzidos pelo Instituto Nacional do Semiárido (INSA), no período 2008-2011; e o CD “Belo Sertão: A convivência com o Semiárido através da música”, cujo lançamento ocorreu em 2006. Verificou-se que, em oposição ao discurso da seca, os enunciados da convivência instituem um belo sertão. Essa operação discursiva torna o Semiárido identificável a partir de imagens e textos que acentuam as belezas e riquezas naturais de um espaço; a força, a inteligência e a expressão cultural de um povo. Enquanto estratégia política, trata-se de instaurar uma nova ordem discursiva para ancorar olhares e interpretações, para servir de fundamento ao que se diz sobre o Semiárido, bem como ao reconhecimento de sua identidade.

Palavras-chave: Sertão. Semiárido. Convivência. Cordel. Música.

Introdução

“[...] o Semiárido não é apenas uma questão climática, mas é construção histórica, social, política e, sem dúvida, cultural [...]” (FREITAS, et. al. CD BELO SERTÃO, s/d.).

Neste trabalho, pergunto pelo Semiárido que o discurso da convivência institui como materialidade visível ou como um conjunto de expressões culturais do tempo presente, definidor de uma identidade regional específica passível de apreensão. Pergunto pelas imagens e significados que o discurso da convivência quer que o pensamento elabore e evidencie quando se fala de semiárido ou do sertanejo; pelas palavras com as quais é possível dizer as suas qualificações, os traços e cores que oferecem ao olhar as suas formas; os tons e as canções que o exprimem. Trata-se ainda de problematizar o que o Instituto Nacional do Semiárido (INSA) chama de paradigma das oportunidades ou paradigma das potencialidades, e o que a Articulação do Semiárido

(ASA) chama de ideia de convivência, no modo como esses discursos enunciam o Semiárido e nos modos de fazer que eles instituem.

Por servir ao diagnóstico do discurso da convivência, no modo como se manifesta, que verdade o conduz e sob que intenção estratégica ele se sustenta, desponta como necessário analisar os diferentes lugares em que ele aparece e perguntar pelos critérios e normas que regulam esse aparecimento. Mas, este trabalho dará visibilidade a esse discurso, no modo como ele se apresenta em duas linguagens: o cordel e a música. Tanto no cordel quanto na música se (re)produziu todo um repertório de palavras, sons e imagens a propósito da convivência, do Semiárido, da “Cultura do Semiárido” convocando determinados sujeitos a assumirem posições, modos de dizer e de fazer específicos.

Segundo Roberto Marinho Silva (2006, p. 220),

A disputa em torno de modelos de desenvolvimento e de políticas públicas no Semiárido tem-se concentrado em dois espaços: socioculturais e políticos. Nos espaços socioculturais, a convivência é uma contestação cultural das imagens historicamente construídas sobre uma terra considerada imprópria ao desenvolvimento, condenada à miséria e à dependência dos socorros emergenciais. Nesse primeiro caso, a disputa ocorre nas esferas da sociedade civil, buscando a inserção de novos conteúdos e significados sobre a realidade, nos meios de comunicação social e nos espaços de produção e disseminação de conhecimentos. No campo da política, a construção de uma contra-hegemonia refere-se à ampliação dos espaços de participação da sociedade civil organizada no processo de formulação e execução de políticas públicas. A convivência requer, portanto, o fortalecimento organizativo da sociedade civil e a ampliação dos mecanismos e espaços institucionalizados e alternativos de participação cidadã.

Buscando contribuir para a compreensão de como essa disputa se perfila em e por meio de espaços como o cordel e a música, a fase exploratória desta pesquisa contemplou o desenvolvimento de leituras e reflexões, teóricas e críticas, sobre as questões relacionadas a essas linguagens, ao uso que fazem das imagens; além de questões relacionadas ao Semiárido, aos processos de construção dos sujeitos e à compreensão da convivência – de modo que esta pudesse ser pensada aqui tanto como noção quanto como prática e instituição vinculadas ao exercício do poder. Nesse sentido, a convivência é modo de pensar, de julgar, de ver; é também ação criadora que constrói/organiza a realidade.

As fontes que tomei para a problematização do objeto – o que elas enunciam – são armas com as quais se lutam e instrumentos que servem ao exercício do poder: os cordéis produzidos pela Articulação no Semiárido (ASA), no período 2003-2004; os cordéis produzidos pelo Instituto Nacional do Semiárido (INSA), no período 2008-2011;

e o CD “Belo Sertão: A convivência com o Semiárido através da música” (FREITAS, et al., s/d.), cujo lançamento ocorreu em 2006.

O que se compreende por Semiárido Brasileiro é também uma construção dos discursos que o objetificam. Bem mais que uma delimitação geográfica ou uma marca presente na natureza, o Semiárido Brasileiro é o conjunto do que efetivamente foi dito sobre ele, portanto é uma construção histórica dada nos modos de ver e de dizer que lhe atribuem uma existência e lhe dão sentido; é o lócus em que atuam forças políticas, econômicas e culturais constituindo uma multiplicidade de espaços regionais que necessariamente não se delimitam em termos geográficos; é o agrupamento das identidades dispersas da geografia, dos espaços regionais, dos sujeitos e das práticas culturais que aparecem “nos enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 35). E por isso, entendo que todo esse material produzido constitui espaços onde o discurso da convivência se perfila e trabalha na construção de compreensões que pretendem definir o Semiárido.

Com esse pressuposto, já defendido por outros historiadores que discutem e problematizam a região, não estou aqui negando a ocorrência da semiaridez de um espaço geográfico historicamente semiárido, apenas querendo dizer que: o Semiárido enquanto delimitação regional (geográfica, econômica, cultural etc.) nem sempre existiu, é algo historicamente instituído; outrora já chamaram alguns espaços semiáridos do Brasil, não o Semiárido, de Sertão, de Norte, ou de Nordeste, ou ainda de Polígono das Secas – termos que ainda hoje por vezes se confundem quando são enunciados; a semiaridez e suas repercussões, por mais que reverberem notadamente nos discursos que desenham a região, não são as únicas tintas utilizadas para dar contornos ao que se quer definir por Semiárido Brasileiro.

Entenda-se que uma delimitação regional obedece a critérios que circunscrevem e nomeiam um espaço, seja ele geográfico, social, econômico ou cultural; e que, quando alterados, geralmente modificam os contornos dessa delimitação. E o que se fala ou já se falou do Semiárido não se refere apenas e somente aos aspectos morfoclimáticos da delimitação geográfica que ele nomeia. Essa não é uma maneira de concordar, por exemplo, que o “o Nordeste é viável” ou que o “Semiárido Brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, Sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história” (MALVEZZI, 2007, p. 9), mas de dizer que essas enunciações integram uma definição de semiárido, um modo de pensar que nem sempre existiu e que se deseja cristalizar. Isso

implica pensar: se essas enunciações são construções que constituem traços de uma identidade que se quer inquebrantável, feitas para responder a determinadas expectativas e interesses, necessárias num dado momento e em ocasiões precisas, do mesmo modo, para responder a outras expectativas e interesses elas podem perder a sua eficácia, podem não ser mais necessárias e, por não mais servirem como instrumentos de poder, podem ser invalidadas, esquecidas, desfeitas e/ou jogadas à margem. Nesse sentido, concordo que:

O que se diz da região não é o reflexo do que se vê na e como região. [...] a região se institui, paulatinamente, por meio de práticas e discursos, imagens e textos, que podem ter, ou não relação entre si, um não representa o outro. [...] A verdade sobre a região é constituída a partir da batalha entre o vizível e o dizível. O que emerge como visibilidade regional não é representado, mas construído com a ajuda do dizível ou contra ele. Falar e ver são formas diversas de dominar este objeto regional, que podem ou não se dirigir no mesmo sentido. [...] Nem sempre o enunciável se torna prática e nem toda prática é transformada em discurso. Os discursos fazem ver, embora possam fazer ver algo diferente do que dizem. São as estratégias de poder que orientam os encontros ou as divergências entre o vizível e o dizível e o contato entre eles (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 59).

A música e o cordel são apontados por Moreira Neto (2010) como lugares em que se instituem formas de manifestação e formatação de uma identidade para o Semiárido. Na música, tomando como referência a canção “Água de Chuva” de Roberto Malvezzi, essa autora destaca “o aspecto místico ou divino”¹ a partir dos nexos que essa canção constrói entre a água como dom divino e a necessidade de cuidar desse dom, e ainda quando estabelece o sincronismo entre a proposta de convivência e os ensinamentos do Pe. Ibiapina, Antônio Conselheiro e Pe. Cícero; destaca a canção “Beleza Iluminada”, também de Roberto Malvezzi, como inspiração para a construção de “novas relações de gênero produtoras de belezas iluminadas” desconstruindo “a imagem que, apesar da plasticidade estética captada por muitos artistas, dramatiza as cenas de mulheres carregando latas d’água na cabeça, caminhando esguias e retilíneas numa posição forçada pelo equilíbrio da lata na cabeça” (MOREIRA NETO, 2010, p. 164); faz referência ainda à canção “Terra Prometida”, de Miroval Marques, de onde apreende a positividade da ideia de que “reelaborar um dizer sobre o sertão, apresentando-o como belo, produtivo,

¹ Segundo a autora esse aspecto se manifesta como expressão do poder pastoral exercido por entidades que “vivenciam sua prática em elementos como a partilha, o sentimento de comunidade, a troca de experiências, a natureza como dádiva divina, rebanhos e pastores guiados à ‘Terra da Promissão’, os homens como filhos de Deus e, portanto, iguais em direitos” (MOREIRA NETO, 2010, p. 157).

cidadão, corrobora com a ideia de que mudar o Semiárido é também uma questão cultural, de leitura e entendimento desse mundo” (MOREIRA NETO, 2010, p. 176)².

No cordel, ela cita a poesia de Raimundo Nonato da Silva falando da importância da água e da criação de hortas e viveiros; apreende em “O Paradigma das Oportunidades” (PANELAS, 2008) a presença da noção de convivência como “elemento destacado por ser generalizável” e defende que aí se apresenta uma proposta de desenvolvimento sustentável que esconde “armadilhas sutis e traiçoeiras, ao relacionar o paradigma humano do desenvolvimento como mote para a vantagem de se aproveitar a semiaridez da região, em favor da superação de seu atraso econômico e social” uma vez que essa vantagem “tem como foco central a positividade da agroindústria, das fartas fontes de energia capazes de, utilizando-se de meios não convencionais, transformar os pressupostos tecnológicos vigentes na tradição regional” (MOREIRA NETO, 2010, p. 136-137); menciona ainda versos de “Convivência com o Semiárido” primeiro para mostrar nas suas linhas os contornos de um Semiárido Brasileiro geograficamente delimitado, depois para dizer como nos discursos elaborados pela ASA se apresentam concepções de convivência e sustentabilidade do desenvolvimento que desenham traços de outro Semiárido por meio de práticas como a captação de água da chuva, o cuidado com o meio ambiente, a agroecologia, de técnicas de conservação do solo, entre outras (Cf. MOREIRA NETO, 2010, p. 139). Ao lado de muitas práticas (reuniões, encontros de formação, políticas públicas, experiências educativas, etc.) essas linguagens

corroboram com a tentativa de gestar um discurso sobre a convivência e, comumente, traçam um perfil do que seja a região, como deve viver sua gente, quais relações devem estabelecer e como podem e devem pensar esse mundo, valorizando, por exemplo, elementos como a terra, as plantas e a água como dons divinos e perspectivas de futuro para quem segue os caminhos legitimados como únicos possíveis de vivência harmônica entre homem e semiaridez (MOREIRA NETO, 2010, p. 176).

Essas linguagens não constituem o foco da análise do trabalho dessa autora, por isso elas aparecem aí de forma difusa, muito mais como referências de onde se exibem algumas questões problematizadas – por exemplo, quando se falou da epifania de um Semiárido Brasileiro geograficamente delimitado e recortado – do que como ponto de emergência dessas questões.

²As três canções mencionadas fazem parte do CD Belo Sertão, objeto de análise deste estudo.

Páginas de uma invenção: o Semiárido e sua gente no discurso da convivência

Conforme aparece em “O Paradigma das Oportunidades” (PANELAS, 2008, s/p.), o Semiárido é um “Sertão bom danado”. Suas riquezas, as mais destacadas, são eminentemente naturais: repousam na própria conformação do espaço que ele nomeia ou na conformação da natureza que esse mesmo espaço alberga. Um Sertão que tem um rico ecossistema, babaçu e sal, petróleo e água, caju, castanha, vento, sol e fontes minerais; um sertão de belezas e encantos inigualáveis que são fonte de turismo; é, de todos, o lugar mais lindo, um “Semiárido de ouro”. Evidentemente, tais características não podem ser encontradas apenas quando da referência a esse espaço aí referenciado/instituído. No entanto, elas ganham força na medida em que servem para assinalar uma singularidade, distinguindo esse Semiárido das outras regiões semiáridas do mundo: “Dos Semiáridos do mundo/ O nosso é quem vale mais”, “Tem o nosso Semiárido/vantagens que outros não têm”.

Esse Sertão possui um povo de fé, forte e determinado. O sertanejo, que também é apontado como uma de suas vantagens e que se diga, a maior delas, é exaltado “pela sua persistência/coragem, luta, traquejo...”, pelo seu talento, pela sabedoria que lhe possibilita conviver com a seca, pela criatividade que o faz sobreviver em meio a qualquer adversidade. Ele é o mais capacitado e o mais forte de todos os homens; “(...) é um sábio/ Já nasceu com o diploma:/da vida, da natureza/ ecossistema, bioma.../ É ele quem mais conhece as regras desse idioma” (PANELAS, 2008, s/p.). Os elogios ao homem do Semiárido também podem ser apreendidos na “Homenagem aos talentos do INSA”: são homens valorosos, dignos e corajosos, gênios que não se limitam e que não se invejam, portadores de sonhos gigantes que não cessam de crescer mesmo em meio a “tempestades e tufões”, donos de uma imaginação criadora que se move à luz de conhecimentos; o que eles produzem é para todos, “não há hinos, nem bandeiras/ seus frutos são divididos/ para gerações inteiras” (PANELAS, 2008, s/p.).

Em “Outra visão, outro Sertão” (PANELAS; SILVA, 2011, s/p.), o Semiárido é um Sertão de “potencial sempre latente”, uma “terra ungida de esperança”, um “lugar colossal”, terra fértil com uma caatinga de bioma riquíssimo. E todas as outras qualificações assinaladas aí aparecem como parte da instituição do Semiárido a ser construído ou na narração de como o presente enxerga o Semiárido do futuro. De modo que as belezas do Sertão são contadas nesse cordel muito mais como expressão do futuro que o presente deseja, do que do presente que se vê e se enuncia.

O que se percebe é que as potencialidades do Semiárido se impõem nessas produções, de modo a reduzir em larga escala a possibilidade de impor a imagem pessimista que comumente se tem de lugares semiáridos a esse lugar que nos é apresentado. O Semiárido do INSA não é uma paisagem desoladora; ele é dinâmico, rico em recursos naturais, um atrativo aos olhares dos turistas. O homem que nele habita é forte, não porque resiste aos castigos da seca, mas porque é inteligente e capaz de conviver com ela.

Nos cordéis da ASA, o Semiárido é um “imenso Sertão”, é a “região semi-árida deste imenso Brasil/ Quase um milhão de quilômetros/ sob o céu cor de anil” (PANELAS; SILVA, 2011, s/p.), são os onze estados brasileiros em que atua essa organização, um espaço de muito sol e calor e de inverno com pouca chuva. Um Semiárido de aquíferos, abelhas, borboletas e recursos naturais; de água mal distribuída, pela própria natureza que assim se impõe, e do acesso a essa água dificultado pelos homens. Um Semiárido das mulheres pedreiras, construtoras de cisternas, das mulheres chefes de família e do agricultor familiar; das cisternas de placas construídas ao lado das casas. Um Semiárido de pessoas felizes e sorridentes sobre o chão rachado, que se dão as mãos e que trabalham a terra com alegria³. Um Semiárido onde é possível a convivência com a seca; onde vive um povo cheio de amor, gente boa e humilde, povo esclarecido, “milhões de pessoas com o mesmo perfil”.

O CD Belo Sertão (FREITAS, et al., s/d.) pretende assinalar os conteúdos da convivência e garantir acesso ao Semiárido e ao povo sertanejo por meio da “cultura nordestina”, considerando a música como uma de suas maiores expressões. Uma das enunciações a propósito do Semiárido, presentes nesse CD, é a de que ele não é apenas uma questão climática, é também música; e a propósito do sertanejo, é a que trata de sua alma religiosa. A canção escolhida para constituir a seção “Uma cultura religiosa” é “Jesus Sertanejo”, de Janduhi Finizola.

*Jesus, meu Jesus Sertanejo
Presença maior, minha crença
Nestas terras sem ninguém
Silêncio nas serras, nos campos
Ai, desencanto que a gente tem
E o vento que sopra, ressoa
Ai, sequidão que traz desolação*

*Refrão: Ô, ô Jesus razão...
Tão Sertanejo
Que entende até de precisão*

³ Isso pode ser observado em várias imagens que aparecem nesses cordéis.

*De sol vou sofrer ou morrer
E as pedras resplandem a dureza
A pobreza deste chão
João, um menino, um destino
Ai, nordestino de arribação
Cenário de dor e calvário
Ai, muda a face desta provação*

*Do céu há de vir solução
Na terra a semente agoniza
Preconiza solidão
E a tarde que arde acompanha
Ai, tanta sanha de maldição
Aqui vou ficar, vou rezar
Ai, vou amar a minha geração
(FREITAS, et al., s/d.).*

A canção, de fato, não esconde a relação do homem sertanejo com uma divindade a quem ele reza, de quem ele espera solução, que é capaz de entendê-lo e de socorrê-lo em sua aflição. Aí aparece um Jesus específico, tão sertanejo quanto aquele que a ele eleva preces e faz orações – dando a entender que não há quem melhor compreenda os problemas do sertanejo senão alguém como ele mesmo, ou que com ele caminhe. No entanto, no que tange à produção de dizeres sobre o Semiárido e o sertanejo, é possível afirmar que essas palavras, sem desconsiderar a destreza poética que elas evidenciam e a beleza da melodia que lhes foi imposta, passam longe da enunciação de um belo Sertão e mais exprimem um sertanejo passivo que espera pelas bênçãos do céu. Como se observa, aí aparece um Sertão de desencantos e provações, a referência a um cenário de dor e de morte, expressões de solidão e desolação, tudo isso motivado pela presença da seca; ao sertanejo – “nordestino de arribação” – se impõe o destino João, destino de quem é impelido à retirância ou ao abandono de sua terra pelas adversidades que esta lhe impõe.

O Semiárido é também um sertão despreparado para o excesso de chuva e para a ausência delas. Diante dessa situação, o Sertanejo, tal como canta a “Súplica Cearense”, é um “pobre coitado” que ora reza para “o sol se esconder um tiquinho”, “para acabar com o inferno”, “pra chegar o inverno” e “pra chuva cair sem parar”, ora reza “pra chover de mansinho” e para “o sol inclemente se arretirar” (FREITAS, et al., s/d., faixa 2).

Está posta também a existência de uma relação harmoniosa do ser humano com a natureza. O carinho pelos animais é apontado como característico da alma sertaneja. No Semiárido da asa branca, do carcará, da acauã e da ribançã, a caça e a depredação do meio ambiente não se justificam pela vontade humana de destruição da vida, mas pela necessidade de sobrevivência que a ele se impõe (FREITAS, et al., s/d., encarte). A referência ao Sofrê, “pássaro vermelho do Sertão” busca assinalar a similitude que

caracteriza a luta do homem e da natureza pela sobrevivência, ambas marcadas pelo sofrimento. Pássaro lindo voando nas manhãs do sertão, parecendo o “céu iluminado” ou “o sol incendiado”, o “mundo encarnado” ou um “coração alado”, “mais vermelho do que o sangue”; com seu canto repetitivo que “toca o coração e acalma” ele faz lembrar a dureza da vida, o sofrimento que a acompanha e que dela não se desapega (FREITAS, et al., s/d., faixa 13).

Beiju e cuscuz de milho, garapa de cana e cachaça caseira, farinha de mandioca e feijão nordestino, arroz e macaxeira, bode assado na brasa, carne de sol e paçoca tropeira, peixe com jerimum e galinha de capoeira – “Comida sertaneja” (FREITAS, et al., s/d., faixa 11) é a canção/cardápio que busca exprimir a culinária do “sertão nordestino”. A “população do semi-árido” é apontada como portadora de hábitos alimentares que a acompanha por onde vai:

Não é nenhuma surpresa, quando se pega um ônibus em direção ao sul e no bagageiro do ônibus alguém esteja levando um ‘bode seco’ em alguma caixa ou outro ambiente. Também é do conhecimento de todos as feiras típicas, as lojas, as bodegas especializadas em vender comida nordestina nos grandes centros urbanos (FREITAS, et al., s/d.).

A enunciação da comida enquanto linguagem para falar do sertão, de seus gostos e sabores, se apresenta contra a padronização dos alimentos e a favor da “variedade cultural da alimentação”, dos hábitos alimentares ditos sadios e regionais. Aí, um esforço em nome da permanência e contra a diluição de uma estética culinária e de um modo de preparar os alimentos; contra a mudança dos gostos e o esgarçamento de uma identidade. Um modo de sujeitar/enquadrar indivíduos à cultura alimentar que aí se institui, como se esse ou aquele prato respondesse ao gosto de todos, sem divergências e recusas. Nesse sentido, a defesa contra a padronização torna-se incompreensível diante da defesa de uma culinária dita regional/nordestina. Ora, a afirmação desta culinária específica mais desponta como expressão de um desejo de padronização alimentar no âmbito de uma cultura alimentar regional marcada pela diversidade.

O Semiárido é um belo Sertão, uma terra de sol abundante, “uma belíssima região para se viver”, chão de um povo “apaixonado por sua terra” – povo “lutador, forte, alegre, festeiro” que “sabe ver e cantar tudo que há de bom no sertão do Nordeste”. Em “Terra Prometida (Belo Sertão)”, ele é lar e aconchego, é natureza inspiradora, é o Nordeste – terra prometida aos nordestinos, terra onde corre leite e mel como na história do povo de Deus contada nos textos bíblicos do antigo testamento; um sertão de beleza ferida, pela pobreza e indigência, por ações que agriem a natureza, pela falta de moradia e

comida, pela deficiência dos serviços de saúde e educação; um sertão de povo fiel, bravo e resistente, de povo humilde e abandonado, de uma elite atrasada e sem compaixão, do sertanejo nordestino que “quer viver e ter direito de poder fazer história e quebrar o preconceito”, que quer hastear a sua bandeira e mostrar-se para o mundo. Aí, como se vê, as maravilhas de uma terra são postas ao lado das mazelas sociais de seu povo (FREITAS, et al., s/d., faixa 5).

O discurso da convivência não deixa ocultar a preocupação com o modo com que o resto do país pensa o Semiárido – como uma região inviável. Por isso, a enunciação de “um Sertão cheio de vida”, de um Semiárido viável, propício ao desenvolvimento da apicultura, da caprinocultura e da ovinocultura; do Sertão do “bodódromo” de Petrolina onde “os restaurantes servem carne de caprinos e ovinos nos mais variados preparos” e da “agricultura de sequeiro” (FREITAS, et al., s/d., encarte). Um sertão onde tudo se aproveita do bode - a carne, o leite e o couro, a “buchada de manhã cedinho”, o queijo e o sarapatel –; um sertão onde a galinha, o porco e o bode são a poupança do sertanejo pobre (FREITAS, et al., s/d., faixa 12).

O CD Belo Sertão termina enunciando que o Semiárido é festa!

Qualquer fato é motivo de festa: batizado, casamento, aniversário, festa de padroeiro, dia de santo (principalmente São João e Santo Antônio). É motivo de festa ainda quando um familiar “parte” ou quando ele “retorna”. Até a “visita de cova”, que acontece no sétimo dia da morte, tem um clima de festa. Após a visita à cova, quando os parentes e amigos se reúnem num gesto de reverência, a família oferece o que tem de melhor para os que vierem se solidarizar. É claro que o fato se explica pelas longas distâncias percorridas pelos visitantes, inclusive vindo de outras regiões, que necessitam de acolhimento e alimentação. Mas o clima é diferente.

Famosa também é a realidade de “beber o defunto”. As noites de velório não têm uma festa explícita, mas sempre se oferece alguma forma de bebida para as sentinelas, inclusive a cachaça. Esse é o beber o defunto.

A Festa parece exercer um fascínio definitivo sobre a população nordestina. A migração não elimina sua alma. A construção de espaços comunitários, culturais, feiras típicas da cultura nordestina nas grandes cidades é contínua. É o reencontro da identidade, da sua música, da sua dança, das suas comidas, de livre expressão entre pessoas que se conhecem e se entendem. É também a forma de enfrentar a discriminação. Certos bairros, certas favelas são simplesmente a extensão de certos povoados ou pequenos municípios do sertão.

A saudade essa expressão tipicamente brasileira o sertanejo vive de forma peculiar e intensa. Por isso, sempre que pode, retorna. Se tiver condição de permanência, fica. Essa permanência está ligada ao “prazer” de estar e ser sertanejo. A festa é um dos fatores agregadores da cultura sertaneja, imprescindível e que explica muito da permanência do povo sertanejo no meio rural. É útil lembrar que os estados nordestinos são os mais rurais do Brasil. A cultura da festa transformou-se também na indústria da festa. Qualquer cidade do interior tem várias bandas musicais, especializadas em forró pé de serra, forró eletrônico, pagode, axé, brega, seresta, assim por diante. Vivem da música. Há quem afirme que “se vive mal, mas se vive” (FREITAS, et al., s/d.).

O belo Sertão é o Semiárido iluminado pela maravilha que o céu lhe preparou – a Via-Láctea a brilhar sobre o Sertão. O Semiárido onde se vê o povo cantar e dançar, onde é possível ver a magia da convivência da alegria com a tristeza, o sanfoneiro só tocando e a meninada só dançando. O Semiárido da festa lá na casa de Socorro, onde o povo dança à luz do candeeiro; mundo de beleza e terra da tristeza que não inibem o desejo do povo de se divertir (FREITAS, et al., s/d., faixa 14). O Semiárido do “Estalo de Fogueira”, da subida de balão, das festas à noite inteira e da animação nas ruas nas noites de São João; onde tudo é tão bonito, onde “tem sanfona, zabumba/ tem forró no salão, tem quadrilha e ciranda pra brincar no São João/ tem pamonha e canjica e quanta moça bonita no meio da multidão!” (FREITAS, et al., s/d., faixa 15).

Essa operação discursiva que se efetua nos discursos da convivência torna o Semiárido identificável a partir de imagens e textos que acentuam as belezas e riquezas naturais de um espaço; a força, a inteligência e a expressão cultural de um povo. Se o discurso da seca, tal como assinala a franja hegemônica dos discursos que o tomam como objeto, oferece todo um vocabulário marcado pelo pessimismo verbal a propósito das condições sociais e econômicas de uma região e de um povo; se nele é possível enxergar cores de tristeza, quadros que cortam, perfuram e fazem escutar gritos humanos clamando ajuda; no discurso da convivência está um povo e uma região enaltecidos por palavras que destacam, singularizam e sustentam as marcas de uma identidade que se quer assumir e/ou que se deseja enunciar – a identidade de um belo, rico, feliz e habitável Semiárido.

Uma operação interessada e complexa. Vê-se aí delinear os modos de invenção de uma cultura. E, como Roy Wagner (2010), também acredito ser incidental questionar se as culturas existem. A cultura do Semiárido bem como as identidades que o definem existem “em razão do fato de terem sido inventadas e em razão da efetividade dessa invenção” (WAGNER, 2010, p. 39). Nos cordéis e na música, analisados aqui, essa invenção se dá por meio de discursos que reivindicam um modo de ver e de dizer o semiárido ancorado na compreensão da convivência: falar do Semiárido torna-se o mesmo que falar de sua natureza, de sua gente, de sua música, de suas festas, de suas comidas, da religiosidade de seu povo, da relação do homem com a natureza, e também de seus problemas. A invenção se processa no momento em que todas essas questões são assinaladas como expressões de uma cultura específica, como o modo de ser de um povo – um processo recheado de generalizações nem sempre problematizadas, deixadas aí para serem reutilizadas/reverberadas por aqueles que veem as imagens, leem os textos ou

escutam as canções que enunciam o Semiárido e/ou sua cultura. Um processo capaz de criar familiaridades, para que as pessoas se reconheçam como portadoras de um modo de ser que se estende e enquadra a todos, embora com restrições; um processo capaz de “imaginar uma cultura para pessoas que não a concebem para si mesmas” (WAGNER, 2010, p. 62).

O Sertão Bom danado, do INSA, ou o Belo Sertão, da ASA, não se parecem com aquele descrito tão minuciosamente e em tantas páginas por Euclides da Cunha no início do século XX, exceto quando se refere à força do sertanejo. Escrevia Euclides que o homem sertanejo é “desgracioso, desengonçado, torto, reflete a preguiça invencível em tudo, falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas”, mas é, “antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2004, p. 146) – esse talvez tenha sido o enunciado mais presente nos discursos que dizem/sintetizam/estereotipam o sertanejo. Euclides falava de um sertão inóspito, do traço melancólico de suas paisagens, da impressão dolorosa de atravessar trechos ignotos de sua geografia. Mas, também falava do paraíso em que este mesmo sertão se transforma quando vêm as chuvas: “ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente da caatinga... sucedem-se manhãs sem par... [vislumbra-se] a exuberância da terra” (CUNHA, 2004, p. 82-83). De um modo geral, sua narrativa se ocupou muito mais de descrever um sertão trágico do que de apresentar uma visão edênica desse lugar. Em todo caso, como se percebe, a força do sertanejo, outrora assinalada pelo escritor carioca, continua a ser reverberada nos/pelos discursos da convivência. No entanto, essa enunciação assume agora um outro sentido: não traz mais a imagem do homem que resiste e/ou combate à seca. A força do sertanejo se expressa pela sua inteligência, pelo seu talento, pela sua criatividade, pela expressão de um modo de ser sertanejo, pela sua capacidade inventiva de produzir tecnologias que minimizem os efeitos da seca – aqueles que, outrora, assombravam-no, matavam-no ou faziam-no partir para outras paragens.

A maneira de se estabelecer a identidade do Semiárido, em alguns casos, se dá pelo ocultamento daquilo que pode ser sinal de diversidade no interior de um perfil que discursivamente se institui para ele ou para seu povo. Nos cordéis da ASA, temos um Semiárido em que habita um povo com o mesmo perfil. Aí, uma operação discursiva para fazer acreditar que todos (o povo desse Semiárido) pisam o mesmo chão, possuem as mesmas qualidades, lidam com situações semelhantes e que, por isso, podem ser enquadradas em um perfil capaz de explicá-los, defini-los. Na produção do INSA, temos um Semiárido enunciado como espaço que se expressa também pela heterogeneidade de

sua fisionomia – “E hoje posso dizer para o Brasil/ Não é um, nem são dois, tem mais de mil/ Semiáridos na nossa região” (PANELAS; SILVA, 2011, p. 27) – e onde vive o sertanejo, cuja identidade inibe qualquer tentativa de diferenciação capaz de provar a existência de tipos de sertanejo. A definição do povo do Semiárido pela ASA, e do sertanejo pelo INSA, evidenciam nítidas semelhanças – mesmo as suas produções tendo sido realizadas em momentos distintos. Os adjetivos utilizados são quase que os mesmos nos dois casos e as suas significações também coincidem, e não se contradizem em nenhum momento. Essa definição exclui tudo o que pode destoar do que foi posto como a sua verdadeira imagem. Nesse sentido, se existem homens sem fé e pessimistas, maus e arrogantes, medrosos e alienados, esses não são sertanejos. Porque o sertanejo autêntico é portador da fé e da perseverança, da bondade e da humildade, da coragem e do esclarecimento.

O discurso da convivência faz operar enunciados que impõem distinções ao espaço. Na produção do INSA, o Semiárido, enquanto um espaço marcado pela semiaridez e pela existência de vários semiáridos compondo o espaço regional, agora é apresentado em relação a outros espaços da mesma natureza. E é pelo destaque daquilo que pode ser considerada uma potencialidade sua que o paradigma do INSA quer fazer irromper um Semiárido viável – contraposto à ideia de “região problema” reverberada pelo discurso da seca. Na produção da ASA e no CD Belo Sertão, a distinção se impõe na recorrência dos elementos assinalados como características naturais desse espaço: isso inclui referências ao clima (“abundância de sol, aproximadamente 3 mil horas/ano -, clima estável, com boa pluviosidade, embora irregular no tempo e no espaço”), a hidrografia (na referência ao Rio São Francisco), as plantas e frutos que podem ser aí encontrados.

Embora a oposição clássica entre Nordeste e Sul/Sudeste do Brasil já não possa ser mais observada, tal como aparecia de forma recorrente no discurso da seca, percebe-se que o discurso da convivência opera para oferecer uma compreensão de Semiárido não apenas para os que são aí considerados como seus habitantes, mas também para os que são considerados de fora: que seja “os olhos de grande parte do país” que veem o semiárido como uma “região inviável”, como se observa no CD Belo Sertão (FREITAS, et. al. s/d.), ou “aquele que se diz superior”, tal como se vê em “Outra visão, outro Sertão” (PANELAS; SILVA, 2011). Aí se estabelece um modo de dizer visivelmente preocupado com o olhar advindo de outras paragens, olhar que fere e incomoda; um modo dizer que constitui como marcação e enfrentamento ao que se diz/disse sobre o Semiárido, e que

foge ao que prega o discurso da convivência. Um modo de dizer que se oferece, portanto, como nova linguagem para a região, para o país e para o mundo e que, enquanto objeto de uma luta política, está posto em combate para pôr um fim ao que ameaça, ao que obstaculiza o modelo de desenvolvimento proposto por essas instituições; também para rebater, desmentir, assinalar equívocos, reconhecer proposições verdadeiras e falsas, para enunciar um Semiárido autêntico e verdadeiro.

Imagens e textos desenham um Semiárido eminentemente rural. Um Semiárido que não dá a ver a imponente de grandes edificações humanas, que não faz ouvir o barulho dos carros, nem o trabalho do homem ou das máquinas nas indústrias, nem a sonoridade do vaivém de pessoas nas feiras, ruas e/ou avenidas que sediam o comércio – a conversar, a negociar, a pechinchar, a fofocar... Um Semiárido silencioso, cuja paz e tranquilidade – características de um lugar que dá ao cansaço um descanso sereno – se veem ameaçadas pela modernização que instaura rupturas não quistas pelo barulho das motos que se sobrepõe e oculta o canto dos vaqueiros, pelos “modelos globais” de desenvolvimento que fortemente se impõem sem que as potencialidades locais sejam consideradas.

As referências à cidade são bastante pontuais e encontradas, especificamente, nos cordéis da ASA e no CD Belo Sertão (FREITAS, et. al., s/d.): ela é o lugar do desperdício d’água, é onde se multiplicam os templos de celebração da cultura sertaneja – espaço que alberga as bandas musicais dos mais variados ritmos, ou aquele que sedia “as feiras típicas, as lojas, as bodegas especializadas em vender comida nordestina”, bem como os espaços culturais comunitários que possibilitam “o reencontro das pessoas com a sua identidade, sua música, sua dança, suas comidas” –, e, ainda, o espaço constituído por bairros e favelas como “extensão de certos povoados ou pequenos municípios do Sertão”. A cidade é quase sempre um lugar distante, um lugar fora do Sertão, mas que é capaz de congrega espaços, ritmos e sabores que evocam o mundo do Sertão, que é capaz de fazer os indivíduos recordarem/reviverem a sua cultura.

Considerações Finais

A enunciação de um sertão cheio de belas paisagens, de abundância de riquezas diversas, de todos o mais rico do mundo, de um povo cheio de fé e determinação, sábio e corajoso constitui um funcionamento discursivo pela busca de nós mesmos. Com imagens e textos que organizam essa visibilidade e essa dizibilidade a propósito do

Semiárido, o discurso da convivência pretende instituir uma nova ordem: para ancorar olhares e interpretações, para servir de fundamento ao que se diz sobre o Semiárido, bem como ao reconhecimento de sua identidade pelos “seus” ou pelos de “fora”.

Há, portanto, vontades de poder nesses modos de dizer que se exprimem no âmbito de uma disputa enunciada no/pelo discurso da convivência e que se perfila em torno da produção/afirmação de uma identidade capaz de reconhecer o Semiárido a partir de sabores, ritmos, sonoridades, práticas religiosas, e características naturais de um espaço geográfico.

Os cordéis e a música, dentro da estratégia política na qual foram pensados, constituem um lugar de acesso a esse Semiárido que se dá a conhecer; funcionam como uma espécie de documento de identificação a partir do qual os sujeitos – primeiramente aqueles a quem essas materialidades foram destinadas e depois todos os outros habitantes do Semiárido que tiverem acesso a elas, seja pela leitura dos textos e versos, seja pelo olhar que sobrevoa as imagens ou pela escuta que apreende as canções – devem reconhecer a si mesmos, reconhecer o seu lugar de origem, reconhecer a sua cultura. É também um documento de identificação para os que são de “fora”, para que estes reconheçam o “verdadeiro” sertanejo, o “verdadeiro” Semiárido, a “verdadeira” cultura sertaneja – o discurso da convivência produz um Semiárido para funcionar até mesmo fora de suas fronteiras.

THE BEAUTIFUL SERTÃO AND THE WORDS OF ACQUAINTANCE IN VENTILATED CERTAINTIES OF COLORS, SOUNDS AND POETRY

Abstract: The objective of this work is to analyze the discursive construction of the Sertão / Semi-arid in the statements of the acquaintance present in the cordéis and in the music. The sources analyzed were: the cordéis produced by ASA (Articulation of the Semi-arid), in the period 2003-2004; the cordéis produced by INSA (National Semi-arid Institute), in the period 2008-2011; and the CD “Belo Sertão: The acquaintance with the Semi-arid by means of songs”, which was launched in 2006. It was found that, in opposition to the drought discourse, the statements of coexistence establish a beautiful sertão. This discursive operation makes the semi-arid identifiable from images and texts that accentuate the natural beauty and richness of a space; the strength, intelligence and cultural expression of a people. As a political strategy, it is about establishing a new discursive order to anchor looks and interpretations, to serve as a foundation for what is said about the Semi-arid, as well as the recognition of its identity.

Keywords: Sertão. Semi-arid. Acquaintance. Cordel. Music.

Referências

Fontes

Cordéis

ARNALDO; ARNO. **A articulação do Semiárido vai mudar o Sertão**. Recife: Articulação do Semiárido.2003.15p.

OLIVEIRA, José Rogaciano S. **Cisterna de Placas: Importância e cuidados**. Recife: Articulação do Semiárido.2003a.19p.

_____. **Convivência com o Semiárido**. Recife: Articulação do Semiárido.2003b.19p.

_____. **Água no Semiárido**. Recife: Articulação do Semiárido.2004a.23p.

_____. **Segurança Alimentar**. Recife: Articulação do Semiárido.2004b.22p.

_____. **A Peleja do Velho Chico contra o Vampiro da transposição**. Recife: Articulação do Semiárido.2004c.23p.

_____. **Elas e eles: direitos e deveres**. Recife: Articulação do Semiárido.2004d.30p.

PANELAS, Oliveira de. **O Paradigma das Oportunidades**. Campina Grande: Instituto Nacional do Semiárido, 2008. 23p. (cordel)

_____; SILVA, José de Souza. **Outra visão, outro Sertão**. Campina Grande: Instituto Nacional do Semiárido, 2011. 39p. (cordel)

CD

FREITAS, Nilton; GONDIM, Targino; MALVEZZI, Roberto. **Belo Sertão: A Convivência com o Semiárido através da música**. s/d. CD estéreo (15 faixas).

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões: **Campanha de Canudos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MOREIRA NETO, Mariana. **Da seca a convivência, do sertão ao semiárido**: enunciados e territorialidades. João Pessoa: UFPB/Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2010 (Tese de Doutorado).

SÁ, Almair Morais de. **Os modos de dizer e de fazer (d)a convivência**: enunciados e invenções de semiárido. João Pessoa: UFPB/Programa de Pós-Graduação em História, 2012 (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o Semiárido**: Transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. 1.ed. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2008, p.219.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. (Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales). São Paulo: Cosac Naif, 2010.

SOBRE O AUTOR

Almair Morais de Sá é doutorando em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Recebido em 28/03/2020

Aceito em 15/07/2020